

SANTA CATARINA EM DESTAQUE

Maria Lúcia de Souza Rangel RICCI

Não é sempre que se tem a oportunidade de ter às mãos publicações regionais. Daí o interesse despertado, sempre que a ocasião se faz presente, em poder analisar o progressivo enriquecimento da historiografia brasileira com o contínuo crescimento dessas pesquisas.

Desta feita priorizo o Estado de Santa Catarina, pois, os trabalhos que ora estudo são de dois conhecidos historiadores - *Eli Maria Bellani e Jali Meirinho* - o primeiro, apresentando sua dissertação de Mestrado junto à Universidade Federal de Santa Catarina sobre **Madeiras, Balsas e Balseiros no Rio Uruguai**, enquanto que o outro, oferece subsídios para a história catarinense no conturbado período de 1889/1930, analisando **República e Oligarquias**.

A pesquisa da Prof^ª Eli sobre Chapecó, Município - Polo do Grande Oeste Catarinense, resgatou a memória daquela região no período de 1917/1950, demonstrando as vicissitudes e vitórias a partir do povoamento e colonização daquele Município, perpassando ainda as questões de limites, o papel migratório na área, a ação empresarial das Companhias Colonizadoras, estimulando a extração dos recursos naturais (em especial madeiras e ervamate), a contribuição delas ao construírem os núcleos industriais madeireiros e mateiros, além de ampliar o comércio externo, notoriamente com a Argentina, analisando ainda a grande destruição decorrente da floresta nativa, a falta de supervisão do poder público no sentido de evitar o desmatamento, a regulamentação da atividade madeireira, fato que só começaria a aparecer a partir de 1938, o papel representado pela atividade comercial no sentido de ampliar a ação das balsas e dos balseiros, enfatizando ainda que foram poucos os que se tornaram proprietários, ou seja, serradores. Foi tão somente após os anos 1950 que modificações mais sensíveis se fizeram sentir na economia oestina, propiciando o surgimento da indústria alimentícia, além da suinocultura, fazendo com que na atualidade Chapecó se transformasse num centro

agroindustrial de porte, sendo mesmo uma região exportadora considerável de suínos e aves.

Chama ainda a atenção na pesquisa realizada pela Prof^a Eli, o critério com que utilizou as fontes, percorrendo inúmeros Arquivos (tanto públicos quanto particulares), além de discutir uma vasta bibliografia a e apresentar, criticamente, inúmeros periódicos. Mais ainda: ao utilizar a técnica da História Oral, colheu centenas de depoimentos junto aos antigos serradores e balseiros da região, utilizando, paralelamente, a iconografia e tabelas que acabaram por dar aos estudiosos das Ciências Humanas a abertura necessária para que interessados outros possam complementar o que ora se apresenta de forma científica e oportuna, permitindo o revisitar dessa história quase centenária da sociedade chapecoense e da comunidade regional como um todo, sendo, portanto, um convite duplo a todos nós: à reflexão sobre a história vivida e a necessidade da constante procura do passado, com o intuito da construção da própria identidade.

Quanto ao trabalho do Prof. Meirinho, ao abranger o polêmico período de 1889 a 1930, abordando de maneira concisa e cronológica a chamada política *barriga-verde*, oferece um estudo que, sem estar preso à formalidade acadêmica, retoma os protagonistas daquele período, destacando suas lideranças que chegaram a ultrapassar uma geração, estando, obviamente, no ou próximas à estrutura de poder.

Com ênfase à imprensa catarinense o A. procurou desvendar a evolução do *ideal* em Santa Catarina, recorrendo também para tanto a exaustiva pesquisa em múltiplos Arquivos, em trabalho árduo, dada a quase inexistência de fontes, notoriamente as relativas aos Clubes Republicanos de então.

Salienta, ainda, o descompasso havido na propaganda republicana catarinense que fora mais ativa por parte de sua imprensa, a campanha eleitoral revestida de rompimentos, o que possibilitou a política *barriga-verde* no Estado, embora também com profundas cisões em seu bojo, dando ensejo à formação de uma nova sociedade.

Num contínuo aborda o revanchismo dos republicanos depositos pelo golpe federalista de final do ano de 1891, demonstrando os dias difíceis enfrentados pelos federalistas derrotados, perscrutando como essa guerra civil fora inseqüente e desastrosa ao unir três facções com propósitos distintos, tanto que as crises geradas pela elite não chegaram a ter identidade com a verdadeira república constituída.

Passo a passo analisou o Prof. Jali a Revolução de 1893 que, ao envolver facções e interesses vários, contribuiu sobremaneira para o empobrecimento do Estado. Por outro lado, estudando também a questão dos limites estaduais, pontuou não apenas os conflitos havidos, com origem no messianismo, como ainda o banditismo e o abandono do território pelo poder público.

Chegou aos anos 1920 demonstrando que a partir de então, muito embora o governo permanecesse inserido no sistema oligárquico da República Velha, o espírito de modernidade também atingiu Santa Catarina através de uma série de transformações tanto à nível econômico, quanto sócio-cultural.

Apesar disso, ao atingir 1930, "os civis retornaram à cena política, estando todos destituídos de uma definição ideológica, uma aspiração nacional que os vitoriosos de 1930 custaram a assimilar" (p. 203).

Refletindo sobre os vários capítulos deste livro, observei que as experiências *revolucionárias* mantiveram-se centradas na concepção de que a tomada do poder resumia-se, basicamente, na conquista do aparelho de Estado, tendo sido subestimada a construção do poder apoiada em novas bases sociais, sem haverem seus dirigentes percebido que o poder é antes de tudo uma relação social. Daí o desafio à imaginação que esse trabalho propõe, no sentido de se retomar uma discussão em termos dos equívocos desse passado, com o presente e o futuro do país, objetivando a construção da democracia (e não apenas da democracia representativa, mas também, da participativa).